

Doutrina Espírita e Albert Einstein
Claudio C. Conti
Abril/2010
www.ccconti.com

A humanidade sempre pensou a respeito do processo que deu origem ao universo. A versão mais conhecida se encontra no livro Gênesis, parte do Velho Testamento na qual tudo teve início a partir da palavra de Deus comandando a criação através de ordens específicas, dando origem a cada um dos seus elementos constituintes e suas propriedades. Todo o processo teve a duração de seis dias.

A versão científica atualmente considerada como a que melhor descreveria o surgimento do universo é conhecido como a teoria do Big Bang, o que significa a Grande Explosão. Segundo esta abordagem, em seu período inicial, toda a matéria do estaria contida em um único ponto - uma singularidade matemática, quando ocorreu uma grande explosão disseminando a matéria até então contida.

A idéia inicial quando defrontado com esta teoria seria de que houve a expansão da matéria no espaço, porém, mesmo o conceito mais rudimentar não é tão simples. O Big Bang caracterizaria a expansão do próprio espaço e dando surgimento ao tempo. Portanto, antes do início do universo não existia espaço nem tempo.

Importa ressaltar que esta teoria possui limitações, por isso, alguns questionamentos escapam da sua abrangência, tais como: o que motivou a explosão e o que existe além do que pode ser observado da Terra. Estas questões ficariam, então, para a Filosofia e as Religiões.

A humanidade em seu nível atual de desenvolvimento ainda mantém seu raciocínio baseado em coisas concretas, isto é, não se está acostumado a abordagens abstratas para uma determinada questão. Desta forma, toda a análise que se aventura sobre o universo em que vive esbarra nas questões relacionadas com o material, acreditando que tudo estaria restringido as suas próprias limitações.

A visão do criacionismo bíblico que consta no livro Gênesis, citado anteriormente, relega tudo à vontade de Deus, podendo este, através de uma ordem apenas, “criar” toda uma estrutura material.

Todavia, analisando esta abordagem mais detidamente tem-se que, como Deus criou a matéria no espaço e levou seis dias para sua empreitada, quem criou o espaço e o tempo?

Caso a resposta seja o próprio Deus, tem-se então outro questionamento não menos crucial para o entendimento do quanto limitada é esta teoria: O que existia antes de Deus criar o tempo e o espaço?

Seja qual for o caso, a não se que se considere que tempo e espaço se criaram por si mesmos, o que seria maior contra senso, o próprio Deus teve sua existência independente de tudo e qualquer coisa que se conhece e que se está em condições de analisar material, temporal ou espacialmente.

A Ciência atual vem demonstrando que os conceitos rígidos elaborados pela Física Clássica não podem ser aplicados em condições extraordinárias às do cotidiano,

dimensões e velocidades médias. Conceitos considerados como verdades absolutas estão caindo por terra.

Segundo a Teoria Geral da Relatividade, elaborada por Einstein, a gravidade não é mais considerada como uma força atrativa que mantém todas as coisas presas à superfície do planeta e que rege o movimento dos orbes, mas distorção no espaço e do tempo decorrente da presença de qualquer massa. A deformação seria proporcional à quantidade de matéria: quanto mais massa, maior a intensidade da deformação.

Ao se considerar a possibilidade de que tanto espaço quanto o tempo podem sofrer distorções pela simples presença de um planeta e, conforme este se move, a distorção o acompanha, tem-se que até aquilo que se considerava como absoluto passa a depender de algo, no caso em questão da presença ou ausência de um corpo material.

Mais intrigante ainda é o predito pela Teoria Especial da Relatividade, também elaborada por Einstein, que diz que tanto o espaço, o tempo e a massa de um objeto podem ter suas dimensões diferentes quando consideradas sobre dois referenciais distintos.

A dificuldade de entendimento encontrado por alguns repousa no fato de elaborar pensamentos preferencialmente utilizando idéias concretas. O tempo e o espaço normalmente não são considerados na análise de uma questão qualquer apenas pelo fato de serem considerados absolutos, não sofrendo influência alguma. No entanto, encontramos na Codificação Kardequiana algumas menções à natureza “material” de ambos.

Segundo o conceito espírita apresentado no Livro dos Espíritos¹, Questão 27, os elementos constituintes do universo são: Deus, fluido cósmico, espírito e matéria². Tem-se ainda, no mesmo livro, Questão 129, que:

1. Pela ação da vontade, o espírito opera na matéria elementar (o fluido cósmico) transformações que conferem ao fluido determinadas propriedades segundo o seu desejo.
2. Esta faculdade é inerente à natureza do espírito que, muitas vezes, a exerce de modo instintivo, isto é, são processos naturais decorrentes dos processos mentais e emissão do pensamento;
3. Os objetos, de uma forma geral, têm existência temporária, duração está que dependerá da importância que o espírito devota ao objeto em questão, isto é, a sua duração é proporcional ao interesse do espírito;
4. Esta transitoriedade dos objetos material ou da matéria como um todo decorre do fato de que apenas Deus é o Criador, enquanto que o espírito atua naquilo que já existe. Portanto, há formação e não criação, pois que do nada o Espírito nada pode tirar.

Diante do que foi apresentado anteriormente, conclui-se que o fluido cósmico também seria a fonte de muitos fenômenos, tais como o tempo, o espaço, as forças que foram, sob este ponto de vista, considerados pelos espíritos responsáveis pela Codificação como sendo expressões materiais do fluido.

Considerando o tempo e o espaço como modificações do fluido cósmico que se expressam com a fluidez do tempo e com a percepção do espaço, pode-se compreender que, sendo também fluido, estarão sujeitos a ação do pensamento de espíritos.

Analisando os fenômenos descritos pela Teoria da Relatividade sob a ótica de tempo e espaço serem manifestações do fluido compreende-se que estariam sujeitos a alterações dependendo da vontade ou necessidade do espírito, ou melhor, as alterações serão verificadas dependendo de como o espírito interage com o fluido.

A famosa equação de Einstein $E=mc^2$, onde E = energia; m = massa e c = velocidade da luz apresenta uma relação entre matéria densa e matéria na forma de energia comandada pelo quadrado da velocidade da luz. A variação do tempo, do espaço e da massa de um corpo também são funções quadrado da velocidade da luz. Pode-se, então, supor que a velocidade da luz descreveria o limite material para o espírito encarnado.

Segundo a linha de raciocínio apresentada pode-se analisar de forma similar as seguintes questões d'O Livro dos Espíritos¹:

89. Os Espíritos gastam algum tempo para percorrer o espaço?

“Sim, mas fazem-no com a rapidez do pensamento.”

89.a) O pensamento não é a própria alma que se transporta?

“Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo.”

90. O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre ou é subitamente transportado ao lugar aonde quer ir?

“Dá-se uma e outra coisa. O Espírito pode perfeitamente, se o quiser, inteirar-se da distância que percorre, mas também essa distância pode desaparecer completamente, dependendo disso da sua vontade, bem como da sua natureza mais ou menos depurada.”

André Luiz, no livro *Evolução em Dois Mundos*³, apresenta importante informação complementar para o entendimento do surgimento do universo que observamos. Importa salientar os seguintes pontos:

- Sob o título de *Co-Criação em Plano Maior*,
 - As Inteligências Gloriosas tomam o plasma Divino e convertem-no em habitações cósmicas;
 - Obedecendo a leis predeterminadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam;
 - O Espírito Criado pode formar ou co-criar, mas só Deus é o Criador de Toda a Eternidade.

- Sob o título de “Forças Atômicas”:

- Toda essa riqueza de plasmagem ergue-se à base de corpúsculos sob irradiações da mente;
 - Sob orientação das Inteligências Superiores, congregam-se átomos e, sob a ação espiritualmente dirigida, se transformam na massa nuclear adensada de que se esculpem os planetas.
- Sob o título “Co-Criação em Plano Menor”:
 - Em análogo alicerce, as Inteligências humanas utilizam o mesmo fluido cósmico para a Co-criação em plano menor formando perispírito e corpo físico.

Tem-se, então, que espíritos extremamente elevados, denominados de “Inteligências Gloriosas”, exerceriam o poder mental sobre o fluido cósmico, denominado de “plasma Divino”, visando o surgimento das várias moradas planetárias. Obviamente que todo o processo e sua manutenção deverão obedecer a certas leis que, no caso em questão, seriam as leis físicas e químicas que regem todos os fenômenos materiais que manteriam a estabilidade de todo o sistema, isto é, assegurando comportamento constante.

Como apresentado anteriormente, o espírito poderá atuar no fluido alterando suas características e o universo é produzido por este mesmo processo, todavia cada um poderá atuar dentro das limitações de seu livre arbítrio, isto significa que a ação não é livre. A segurança e constância das leis são mantidas pelas limitações correlacionadas com cada nível de desenvolvimento evolutivo.

Um dos grandes desafios atualmente da humanidade é encontrar a ligação entre a Teoria da Relatividade e a Física Quântica. Segundo os conceitos apresentados pelo Espiritismo, o ponto principal entre todos os processos físicos é a ação do pensamento coordenando, em seus variados níveis, as leis que regem os fenômenos e os possíveis meios de ação. Portanto, talvez as respostas residam em considerar os espíritos como a principal força da natureza, agindo e reagindo através dos seus processos mentais segundo regras predefinidas, contudo, ainda precisamos avançar muito em conhecimento para equacionar as leis que regem o pensamento.

Referências:

- [1] Kardec A.; “O Livro dos Espíritos”; 76ª edição, FEB, [1857] 1995.
- [2] Claudio C. Conti, Criação do Espírito,
www.ccconti.com/Artigos/criacaodoespirito.pdf
- [3] André Luiz; “Evolução em Dois Mundos” (Psicografia de F. C. Xavier.); 15ª edição, FEB, 1997.